

**Urbano Tavares Rodrigues**

*CRONOS - Cadernos de Literatura*  
*n.º 1 - Julho 65*

## TEATRO

Um dramaturgo e um encenador

### «O RENDER DOS HERÓIS»

**F**OI um acontecimento teatral desses que são verdadeiros marcos para o processo destes anos tão pobres e tão difíceis da nossa arte e cultura, a carreira no palco do Império da arrojada peça de José Cardoso Pires «O Render dos Heróis», que, sendo obra de virtualidades excepcionais, punha à encenação problemas extremamente delicados e complexos, dos quais Fernando Gusmão triunfou em toda a linha, conquistando assim um lugar cimeiro nesse domínio apaixonante que é a corporização de um texto em linguagem dramática — palavra, plástica, som, emoção...

Tempos atrás, aquando da publicação de «O Render dos Heróis», narrativa dramática de intenção desmistificatória, com as grandes qualidades de José Cardoso Pires — a lúcida visão dos homens, o realismo cru e sarcástico, o travo saudável da verdade e uma solidariedade áspera que se não arreceia de amostrar mazelas na própria carne, não o fazendo por gosto, mas por escrúpulo — escrevi que esta peça se media em potenciali-

dades riquíssimas com as melhores do ano (de Santareno e de Sttau Monteiro), metendo por caminhos novos, que exigiriam de um hipotético encenador muito de amor e de talento para uma tentadora tradução cénica. O milagre operou-se.

E como sempre sucede que o teatro, ao consumir-se no palco, dá força àquilo que no papel é ainda para muitos enigmático ou turvo, eis que «O Render dos Heróis» nos surgiu na sua absoluta e extrema limpeza estética e moral: corrosiva sátira à sociedade burguesa da era pré-industrial, que não poupa os liberais acomodados, livres pensadores flutuantes, atentos à barca do poder, como o desembargador Silveira, ou os idealistas cuja energia generosa, sem fundas exigências de classe, cedo se esgota, tal a de Maria Ricarda. O mérito maior da peça, que não só é anti-retórica como denuncia a retórica balofa, mas eficaz, dos politicões do cabralismo, consiste em nos revelar, através da acção e do grotesco, as contradições dinâmicas de um mundo confuso em que lado a lado chegam

a bater-se o padre Casimiro, miguélista dos quatro costados, de clavina numa das mãos e crucifixo na outra, e os patuleias, os republicanos, a guarda-avançada do povo prenhe de reclamações. Nas figuras populares, truculentas, assanhadas ou ardilosas — as comadres, o cego, a Maria Angelina, os homens das juntas revolucionárias — que afinal resumem o cabedal de humilhação, de desconfiança e também de bravura sem pergaminhos heróicos, é onde vislumbramos a simpatia dura do autor, que participa do riso jocoso do cego, da sua solércia, do despejo das velhas, do desespero dos combatentes da santa liberdade. E assistimos à derrota das esperanças, à recomposição dos ministérios, à consagração do coronel Matamundos e do típico Sargentanas, brutal no gularim, covarde na mó de baixo. Poucas vezes a escória prepotente foi retratada com exacção tão pitoresca e certa como nestas personagens de alamares ou de seda — o cavalheiro Stanley, a baronesa do Maio, etc.

Chama-se a peça «O Render dos Heróis» e esse título increve-se bem na recusa do brilhante, do espectacular, em que Cardoso Pires sempre insiste: não há pròpriamente heróis individuais, porque eles em geral apenas se miram ao espelho ou então atingem os acumes do sacrifício inútil. É o que nos diz o cego, que, tal como toda uma ala pícara do povo que simboliza, aguarda um outro heroísmo maciço, em que seja chamado a tomar parte.

Fernando Gusmão, como o próprio Cardoso Pires disse já numa entrevista, enriqueceu inteligentemente o texto: não hesitou em recorrer à pantomima e ao bailado, sublinhou primorosamente os desmandos da fraseologia demagógica,

tirou excelente partido das indicações de máscaras, das canções da época que o autor tivera o cuidado de ressuscitar. Fez da espinhosa apoteose grotesca um espantoso momento caricatural, estuante de vida e comicidade amarga. Soube aproveitar a seca violência de certos passos: a notícia da morte do Académico, a dor de Maria Ricarda, primorosamente expressa por Carmen Dolores. Foi, de facto, o encedador cerebral e ao mesmo tempo sensível, artista controlado, que se impunha para levar a bom termo esta empresa formidável. Nada deixou ao acaso. Os apontamentos musicais de Carlos Paredes são de um bom gosto e de um poder evocativo fora de série. A dificuldade da mutação de cenários foi resolvida com economia de tempo e de esforços por Octávio Clérigo, felicíssimo também nos figurinos, segundo os «monstros» postos em circulação no fogaracho da Maria da Fonte.

Aproximando-se da montagem das revistas, escudado na agressividade e no alcance humano de um texto agudamente crítico, Fernando Gusmão logrou efeitos estupendos: um espectáculo que nos honraria em Paris, em Londres ou em Nova Iorque, em qualquer grande meio teatral exigente e còscio dos valores actuais.

É claro que isto não seria possível sem o concurso devotado de uma equipa coesa e sem talentos tão exuberantes ou tão dominados como, por exemplo, os de Rui de Carvalho, Carmen Dolores e Rogério Paulo.

Contrariando porventura o seu temperamento mais propenso aos grandes rasgos, Rogério amoldou-se à psicologia do torpe, mas envernizado, dr. Silveira, do qual conseguiu sacar os mais subtis impulsos e retracções, a mescla autêntica de

ironia e complacência, de desvergonha e affecto paternal, de conhecimento do mundo e desprezo de grande senhor pelos sicários da força. O público sentiu esta vitória de Rogério Paulo sobre si próprio, interrompendo a representação com vibrantes aplausos.

Carmen Dolores, admiravelmente certa no papel de Maria Ricarda, insufla-lhe impressionante vigor ao reconhecer a mácula da sua abdicação perante a morte — e perante a vida. Nas outras duas hipóteses da Maria da Fonte, ouvimos a voz de Constança Navarro e vemos despontar a vocação dramática de Ângela Ribeiro, a quem falta apenas estatura para ser plenamente convincente.

Rui de Carvalho excede-se na composição da portentosa figura do cego: aparece-nos verdadeiramente inspirado, incomparável, com uma marcação cheia de fantasia e de ímpeto, em ritmo balético, cantando, multiplicando-se, tirando tudo de um tique facial, da entonação de uma estrofe, de uma pirueta ou de uma queda.

Revelação que merece todo o nosso louvor é a de José Amaro

aqui em plano de grande actor na sua criação do atrabiliário sustentáculo da lei, o facundo coronel Matamundos, quase sempre acompanhado pelo velhaco e boçal sargento Sargentanas, a que Tomás de Macedo dá também expressivo relevo.

Muito longa seria a relação de todos os actores e figurantes, pois a peça movimenta grupos inteiros de camponeses e de soldados. Não podemos deixar de mencionar o trabalho magnífico de Maria Cristina em dois desempenhos igualmente logrados, o desenho muito justo de uma comadre por Fernanda Alves, de gesto largo e plebeísmo perfeitamente conseguido; a inesquecível água forte do padre-soldado, caceiteiro e esfola-herejes, que ficamos devendo a Jaime Santos; a preciosa caricatura de Macdonell papa-cabritos esboçada por Armando Caldas; a figurinha saltitante do fiscal de impostos erguida por Carlos Cabral; a natural e linda camponesa que foi Clara Joana; as estilizações de Maria Schulze e Luís Cerqueira num casal nobre de pacotilha.